



# Gaiato



OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

Redacção, Administração e Proprietária Casa de Galato de Fátima—Paço de Sousa  
Vales do Correio para Cete—Preço 1800

DIRECTOR E EDITOR: Padre Américo

Composição e Impressão—Tip. da Casa Nun'Alvares R. Santa Catarina, 628—Porto  
Visado pela Comissão de Censura

## COLÓNIAS DE CAMPO

O tempo, como as marés, não espera; temos nós de andar, se houvermos de fazer alguma coisa. Do meu companheiro, Padre Adriano, sei que já anda a fazer os preparativos no santuário da Senhora da Piedade de Tabuas, actual Lar das Colónias dos rapazes de Coimbra. Nós aqui, da mesma sorte para os rapazes das ilhas do Porto.

A primeira turma deles, sai da estação de S. Bento, no comboio das 14,40 em o dia 8 de Julho. A segunda no dia 25. A terceira, a 12 de Agosto e a quarta, a 30 do mesmo mês. Cada *colono* deve-se acreditar com um documento do médico, a dizer que não tem mal andar em chusmas, e com uma saqueta de casa, onde venha uma anda de roupa, se a tiver. Lembrou-me que em Coimbra, na maior parte das casas, a saqueta era um jornal de notícias e às vezes, nem isso por falta de ter que embrulhar. Tão pobre é a minha gente! Mais do que isso; é miserável. Topoi de uma vez um catraio fora dum casebre, em Coimbra, com cara de muita fome. Não tinha ainda casas como hoje tenho e pedi a uma família boa que lhe desse de comer todos os dias. Assim foi. O rapaz ia a hora certa, por comida certa. Era um meu recomendado. Aquela família, não conhecia bem a *minha gente*. Mas daí a pouco, conheceu! O rapaz limpava de sobre as mezas e de dentro das gavetas tudo quanto podia! Era pró pai. Que pail! Eu lido com os miseráveis.

Custa muito, muitíssimo; todos gostam de ter boas relações, mas é preciso que alguém aceite o sacrifício por amor de Deus.

De entre esta sorte de rapazes, alguns há que fogem das colónias por sua conta e risco, e vão até à rua de onde vieram, sem medo! Outros, mais timoratos mas da mesma opinião escrevem às famílias a dizer que passam fome, para assim os virem buscar. Não estou livre de me suceder com os catraios do Porto, o que em Coimbra me sucedia. Eles são os mesmos e as famílias também. Acreditam na mentira.

De uma vez, um *menino* disse para casa que passava muita fome. A *vozinha* leu o postal e deu-lhe um ataque, tal o amor ó *netinho*. Nesse dia, já escuro, aparece um carro ligeiro à porta e de dentro, saem dois tipos, uma tipa, e uma mulher de chaile e idade, muito bem parecida. Era a avó do *estomado*. Os tipos requisitaram o rapaz, malcreadamente. Eu escutei. Desmenti. Falei verdade. Não sabiam o que ela é.

—Vá já buscar pra qui a creança!

Como tivesse visto num momento diante de quem estava, tomei a avó e conduzi-a à nossa dispensa. A velhinha, olhou, mirou, e disse: *ai tanto de comer!*

Saiu a chorar. Os matulões entraram, viram lotes e lotes. A avó, bem parecida e bem trajada, ia dizendo baixinho: *o rapaz não passa fome.*

—Pois sim. Há aqui muita coisa mas não é para eles. E' mas é prós padres—disseram.



O amor ao trabalho faz esquecer a vadiagem. Este é o Claudino de Gaia, a "solfejar" o ofício que escolheu.

## Nota da quinzena

Ela é muito pequenina, mas é boa.

Um dos vendedores do nosso já famoso jornal, contou de como certa pessoa rapara de dez tostões e lhe pedira um numero:

—Faz-me bem à vista.

O pequeno, ao ver que o freguez era entrado em anos, não compreendeu e disse—lhe que uns oculos é que êle precisava para lêr o jornal.

—Sim; faz-me bem à vista. Cada vez vejo melhor as coisas.

A nota é muito pequenina, mas é boa.

## VENDA DO JORNAL

Gostaria de estar de fóra, para apreciar à maneira dos estranhos a pequenina revolução que estas crianças fazem todos os quinze dias, nos meios onde vendem. Pelo que eles contam no regresso, sente-se a força estúpida da verdade. Há os que desdenham. Os que mandam passar à frente. Os enfadados—*tira lá isso!* Aos quais outros respondem com palavras delicadas explicando o significado da Obra.

Não estou livre. Eles são os mesmos em toda a parte e a gente tem de ser o mesmo também: nunca desanimar. Deus ajuda, ajuda. Oh! se ajuda! Quem poderia, de outra sorte?!

Não obstante os defeitos constitucionais desta gente e até por causa deles, fazemos colónias de campo, fazemos aldeias, fazemo-nos tudo a pontos de mendigar o pão. Sustento deles, amargura nossa.

E já agora, quando é que deixas no *Depósito* aquele envelopesinho a dizer por fora: *colónias*. E dentro, mil. Quando? Tempo e marés, não esperam!

## DOENTES

Faz-se hoje um boletim especial do estado de saúde de trez dos nossos doentes, atenta a grande nomeada dos ditos. Em primeiro lugar vem o *Molestia*. O *Molestia* baixou ao hospital, depois de radiografado e tudo o mais que a ciencia indica. Apendicite. Apendicite crónica, daí o *molestio*. Uma das alcunhas mais fiascantes da malta. Das mais, sim, mas não a mais. Ontem, quando procedia a certas averiguações, ouvi do lado: *Foi o 'staca*. Quiz saber quem era o *'staca*. E' o Fernando de Tomar. Muito alto, muito magro, muito desamparado—*'staca!*

Pois bem. *Molestia* fez uma apendicite. *Fazer* apendicites. *Fazer* febre. Há dias ouvi de uma enfermeira, em certo hospital, que o menino *fizera* uma lombriga. Fraco modo de vida! As linguas vivas estão sujeitas a *fazer* coisas, a toda a hora.

Outro a cair à cama, foi o *Periquito*. Digo-o aqui não que a doença seja grave; cabeça e garganta. Mas *Periquito* é uma pessoa gravel Enquanto êle guardar o leito, temos paz assegurada na aldeia.

Finalmente o *Tiro-liro*. Soube-se da importancia do mal, pela maneira como ele falava às coisas de comer que a gente lhe apresentava: *Fica pra logo*. E não comia! Ficar para logo! O *Tiro liro* que em questão de comidas, nunca empregou tal adverbio.

Já. Agora. Mais. Expressões favoritas do rapaz. *Tiro-liro* nunca sai da mesa aquando os mais. *Fica*. *Espera*. *Gosta de comer*. E daqui nasce que o doente não tem coragem para dizer um terminante *non* às coisas boas que vê no prato. Não pode comer, mas não manda embora. *Fica pra logo*.

Telefonou-se. Medico aparece. Pneumonia. Temos *Tiro liro* no leito.

—E depois?

—Depois os senhores comprem. Compram. Aquele senhor que não queria, compra e lê. E' uma praça conquistada que leva outras praças à rendição amistosa. Outros ficarão de pé: *traze-me mas é a República*. Dantes, quando eu era pequenino, cuidava que não havia mais nada p'ra lá dos montes aonde o céu pousa. Assim os leitores de um só jornal,—por pequenez de espirito.

Ferreirinha, Júlio, Rui, todos do Lar do Porto, continuam a ser pimpões. Dos mais, sei que fazem tudo quanto podem e sabem, para despachar. Os vendedores de Braga, não desmentem o conceito que deles se faz, nem os Bracarenses. O Avelino trouxe de lá um catraio de uns seis anos, talvez. Está em Paço de Sousa. Não tem ainda obrigação. Rondava a cozinha mas uma vez que o Carlos lhe deu trabalho, safou-se e nunca mais apareceu por lá.

O Amandio e o Ernesto e o Inácio e o Amadeu venderam à beira de oitocentos números no sábado de tarde. Deram agora em entrar nas lojas e teem-

# ASSINATURAS PAGAS

Joaquim Rodrigues da Costa, Irivo, 10\$; Delfim Mendes Andrade, Oliveira do Douro, 50\$; Aurora Lemos, Albergaria-a-Velha, 30\$00; José Felício Lapão, Cano, 25\$; Dr. P. Geraldos Cardoso, Castelo Branco, 100\$; Emília da Silva Santiago (2 anos), Sernada, 40\$;

Arlindo Soares Ferreira, Espinho, 100\$; Inácia Ferreira da Costa, Espinho, 30\$00; Capitão Adilino dos Santos, Espinho, 20\$; Dr. Armando Cambu, Chamusca, 25\$00; P.º António Carvalho da Cunha, Ceissa, 50\$; Ludovina de Brito Mendes Mirado, Mação, 50\$; Rafael de Freitas (2 anos), Alvaiázere, 60\$; Luís da Silva Caiano, Marceana, 20\$; José Monteiro da Costa (2 anos), Carapinheira, 50\$; João Abrantes Ferreira (2 anos), Penafiel, 50\$; Maria Ferrio Cachaldora, Aljô, 100\$; Joaquim Pereira de Moraes (10 anos), Lalim, 1.000\$; António Lopes da Cunha Magalhães, Senhora Aparecida, 20\$; Francisco Fernando Moreira Pinto, Senhora da Hora, 30\$00; Tenente Joaquim Anachoreta Correia, Vila Cabral (Africa), 50\$; José F. Montanha, Bragança, 30\$00; Dr. Manuel Miranda, Bragança, 100\$00; José da Costa Sampaio, Louzada, 20\$; Henrique Augusto Rocha, Setúbal, 50\$; Albertina Vilas-Boas e Alvim, Fafe, 25\$; Maria Octávia Nunes da Silva, Caramulo, 25\$00; Joaquim César, Soares de Pinho, Oliv.º Azemeis, 30\$; Maria Mendes de Vasconcelos, Tarouquela, 25\$00; P.º David Marques, S. Pedro de Alva, 20\$00; Menino Paul Heirliraut, Algés, 50\$00; P.º Manuel Pinto, Sinfães, 60\$.

João Lino Bruno, 50\$; Padre Fernando dos Santos Diogo, 20\$; José Gomes, 25\$; Duarte Cipriano Ferreira, 25\$; Salvador Carvalho Santos, 20\$; Joaquim Giraldez Vouga, 20\$; Horácio Faria Pimentel Vieira, 20\$; José Faria Pimentel Vieira, 20\$; Arécio Saens de Menezes Cardoso, 20\$; Feliz António Mil Homens, 20\$; Manuel Ferreira Costa, 20\$; Joaquim Clemente, 20\$. Todos de Bombarral.

Augusto Leandro de Almeida, Barçais, 20\$; Vice-Reitor do Seminário da Fi-

gueira da Foz, 50\$; Padre Francisco da Fonseca Antunes, Figueira da Foz, 40\$; D. José Angerri, Figueira da Foz, 50\$; Albertina Sobral, 20\$; Dr. Justino Girão, 20\$; Viuva de António Alves Vieira, 50\$; Menina Maria Manuela Padilha Simões Lopes, 20\$; Eng.º Pompílio dos Santos Varanda, 30\$; Rosa da Costa, 25\$; Irene dos Santos Trindade, 50\$; Vitorino Torres Correia, 20\$; Maria da Luz Galvão Afonso, 20\$; Dr. Arménio Baptista (2 anos), 50\$; Isabel Sêco Graça, 50\$; Pároco de Assafarge, 20\$; Adriano Vieira Lima, 50\$; Maria Eugénia Alves Gil (meio ano), 12\$50; António dos Santos Apostolo, 50\$; Angelo Apostolo, 25\$; Dr. Joaquim Canova, 50\$; Mineira de Coimbra, L.da, 100\$. Todos de Coimbra.

Vasco Camilo Martins, Loulé 20\$; Maria da Natividade Mónica, Aguas Belas, 25\$; Maria da Glória Mota Alves (2 meses), 10\$; António Lima Pinto, 100\$; Dr. Abílio Aires, 50\$; Judite Santos, 25\$; Adriano Gonçalves, 50\$; José Gomes, 20\$; Angelo de Sousa Madureira, 30\$; Leopoldina Lima, 25\$; Elvira Silva, 20\$; Adriano Figueiredo, 50\$; Fernando Johnston de Oliveira, 50\$; Maria José Lourenço Santos, 50\$; Fernando de Oliveira Mendes (2 anos), 90\$; José Lopes Gaya, 50\$; Bernardina Sá, 20\$; Alice Guerreiro de Sá Cardoso, 20\$; Júlio Henriques Pereira, 25\$; Eugénio Guimarães, 25\$; Lizarda Moreira Cardoso, 50\$; José Moreira de Bessa, 50\$; Bernardo Coutinho, 25\$; Ernesto Alves Pereira, 50\$; António Moreira Duarte, 25\$; Pompeu Guerra, 40\$; António Moreira Marinho, 20\$; Maria Adelaide Ferreira da Cunha, 50\$; António Gusmão Calheiros, 40\$; Zulmira Roma Torres, 25\$; Joaquim Sequeira, 30\$; Maria Georgina da Costa G. Sá, 26\$; Maria Lucília Pires e Silva Pereira, 100\$; Diogo Forjaz e Sá, 30\$; Maria Beatriz Dias da Fonseca, 50\$; Sapataria Danilo, 50\$; José Marques Pinheiro de Sousa, 100\$; Maria Nazaré Guedes B. Figueiredo, 50\$; José Maria Simões Lopes, 20\$; Menino José Eduardo Faria Neiva Santos,

20\$; Fernando Moreira Ribeiro, 40\$; Armando José Pinto Osório, 60\$; Maria Julia Alves de Almeida, 20\$; José Perfeito Gonçalves Pereira, 50\$; Vicente Gonçalves Pereira, 50\$; João Alves da Silva, 50\$; Caetano de Almeida Vasconcelos, 30\$; Laura Maia, 40\$; Luís Vigeço, 25\$; Jorge Manuel de Sá, 25\$; Dr. Augusto Queiroz, 25\$; Capitão Anibal de Jesus Moraes, 50\$; Zulmira da Mota e Castro, 50\$; Joaquim Ferreira da Silva, 100\$. Todos do Porto.

José Carvalho Novo, Miranda do Côrvo, 20\$; Maria do Pranto Rosa Lopes, Miranda do Côrvo, 25\$; Isabel Maria de Oliveira, Monsul, 20\$; Abel Nogueira, Fafe, 50\$; José Maria de Oliveira, Agueda, 40\$; Armando dos Santos Ala de Rezende, Agueda, 25\$; Aurora de Moraes Fragoso, Macedo de Cavaleiros, 36\$; P.º António Gonçalves Pereira, Eixo, 50\$; Arminda de Melo Rêgo, Eixo, 25\$; Clara dos Reis Lima, Eixo, 25\$; Ilídio Pires da Conceição, Cirol, 50\$; CCE da Estremadura, 100\$; Maria Alice de Andrade Santos, 100\$; Joaquim de Oliveira Costa, 24\$; Aurora da Conceição Niny Teixeira, 40\$; Eduardo Matos Coimbra, 30\$; Artur Farinha da Silva, 100\$; Capitão Joaquim de Brito Subtil, 50\$; Maria Cristina Gião Toscano Rico, 25\$; Pedro Gomes da Silva, 20\$; Rachel Calheiros, 20\$; Dr. José Jacinto de Andrade A. Bettencourt, 200\$; Eng.º Eurico Teixeira de Sousa, 50\$; Condessa de Monte Real (2 anos), 50\$. Todos de Lisboa. Maria do Sacramento M. e Faro e Leme, Santa Cruz do Douro, 12\$50; Maria Adelaide Vieira da Luz, Ponta do Sol, 50\$; Francisco Ribeiro Ramos Pires, Ilha Terceira, 25\$; Dr. Mário Montenegro, Amarante, 25\$; Dr. Adriano Veiga Rodrigues, Vila Real, 80\$; Mirandolina Faria da Silva Lemos, Póvoa de Varzim, 20\$; Maria Leonor Queiroz e Melo Sousa Canedo, Frazoeira, 50\$; Joaquim Braga, Oliveira do Douro, 50\$; Maria Teles, Vila N. de Paiva, 25\$; P.º José da Cruz Ventura, Lavos, 25\$; Maria V. da Cruz, Foz do Douro, 20\$; Adelaide Fonseca, Foz do Douro, 25\$; Maria Arantes da Fonseca, Foz do Douro, 25\$; Agostinho dos Santos, Gondomar, 25\$; Maria Augusta Gomes Pereira Leitão, Muro, 40\$; Dr. Francisco da Silva Pinto, Braga, 50\$; Atália Marques Neves, Braga, 20\$; Lídia Cardoso Guimarães (2 anos), Braga, 50\$; Joaquim Gomes de Sousa, Braga, 20\$; Dr. Carlos Sacadura B. P. Mascarenhas, Lousã, 40\$; Luísa da Conceição Anastácio, Alcanena, 30\$; Maria Zulmira dos Reis Rodrigues, V. N. de Ourem, 60\$; Maria Ester Pereira, V. N. de Ourém, 50\$; Mário Baptista Pereira, V. N. de Ourém, 25\$; Helena Pinto Peixoto de Carvalho, Paço de Sousa, 20\$; Aloísio Campos, Paço de Sousa, 25\$; António Moreira, Paço de

Sousa, 20\$; Adelaide Vaz Pinto, Fundões, 20\$; Amélia Monteiro de Carvalho, Vila N. do Ceira, 20\$.

Artur Garcia de Carvalho, 25\$; Helena de Sousa Dio Ribas, 100\$; Teresa de Jesus Ferreira, 20\$; Todos de Falmalicão, Lídia Baptista Sá de Almeida, Covilhã, 50\$; Adolfo dos Santos Rosa, Covilhã, 50\$; Pedra Máximo A. M. C. Coelho e Sousa, Leça da Palmeira, 30\$; Maria Teresa da Costa, Aveiro, 25\$; Mário Mancede da Cruz, Mealhada, 20\$; Mário Neves, 50\$; A. Pinhal Jor, 100\$; Analide Malta Azevedo, 50\$; Todos de Matosinhos, Maria Emília Mendes Ferreira, Ferreira do Zezere, 50\$; P.º António Lourenço Amorim, (2 anos) Ferreira do Zezere, 40\$; António Regueiras, 50\$; José Carvalho Correia, 40\$; Alberto Ferreira da Silva, 30\$; Joaquim Rodrigues Guimarães, 50\$; António Brandão Araújo, 30\$; Flávio de Mascarenhas Leite, 20\$; Ave-lino Correia, 30\$; José Soares Machado, 25\$; Manuel Monteiro de Oliveira, 30\$; Ricardo Rocha, 40\$; Raúl Pereira Lourenço, 50\$; Todos de Santo Tirso. P.º José Quelhas Bigote, Seia, 20\$; Maria da Conceição Formigo, Alenquer, 40\$; Maria Celeste Rêgo Simões, Chão de Couce, 25\$; Dr. Arnaldo de Sousa Pais, 30\$; Joaquim Correia, 40\$; Francisco de Sousa Graça, 30\$; Todos de Maceira-Liz. Adélio da Costa Senra, Silva Escura, 25\$; Adriano da Silva Figueiredo, Carrascal, 50\$; Virgínia Raposo, Carregado, 50\$; Oscar César Santos Matos, (3 anos) Rio de Janeiro, 300\$; P.º Alberto César do Carmo e Matos, Rio de Janeiro, 50\$; Maria da Luz Queirós Ribeiro da Silva, 25\$; António Júlio de Alpuim, 20\$; Café Bar, 50\$; Irene da Silva Rodrigues, 50\$; Madalena da Câmara Leme de Faria, 30\$; Vergílio Roma Pita Barros, 24\$; Mariana A. da Rocha V. S. S. e Melo Eça, 40\$; Todos de Viana do Castelo. Mariau, Riba d'Ave, 50\$; Torcato Ribeiro, Aljô, 20\$; Maria do Céu Girão, Viseu, 100\$; Dr. José Rodrigues, 50\$; Farmácia Confiança, Paredes, 20\$; Isaura Almeida de Carvalho, S. Mamede de Vila Verde, 40\$; Olinda da Silva Marques, Riomeão, 20\$, Visconde de Tinalhas, Tinalhas, 100\$; António Pereira Dias Sobrinho, Oliveira do Douro, 50\$; Eça de Queirós, Santa Cruz do Douro, 200\$; Cónego Augusto Maia, Leiria, 20\$; Dr. Alves Correia, 300\$; Leiria, António da Silva Júnior, Ovar, 20\$; Ana Amália de Serpa Pinto Miranda, Marco, 20\$; Manuel Serra, Rio Tinto, 100\$; Francisco Pinto Picão Caldeira, Elvas, 50\$; Dr. Joaquim Moreira de Sousa Andrade, Mesão-Frio, 50\$; Manuel de Bastos Xavier, Arrancada do Vouga, 50\$; António da Silva Ribeiro, Golegã, 100\$; Dr. Augusto Campos de Melo, Arouca, 20\$; Menino Rui Jorge Castanheira Martins, Enxabarda, 20\$; Ester Reis,

Casadelo, 20\$; João de Deus Lima, Carnaxide, 30\$; Franc-elina Silva Sá Ferreira, Trofa, 50\$; Cristina Irene Pinto Brochado, Sinfães, 100\$; Maria José Videira e Souto Viana, Teixoso, 20\$; Antónia Videira e Souto Viana, Teixoso, 20\$.

Leonor de Almeida, Praia da Granja, 50\$; Amélia A. Ribeiro Alves Pereira, S. João da Madeira, 12\$5; Rosália Reis, S. João da Madeira, 12\$5; Reinaldo Inácio Coimbra Leite, S. João da Madeira, 20\$; Maria do Carmo Pessoa, Pombal, 20\$; P.º José Carreira, Freixianda, 30\$; Menina Maria D. G. Barbosa Leão, Parada, 50\$; Menino Manuel Artur D. G. Barbosa Leão, Parada, 50\$; Menina Maria Paula Barbosa Leão, Parada, 100\$; Elvira Mendes Bardosa, Santarém, 50\$; João Gabriel H. Ferreira Mateus, Praia da Aguda, 40\$; Natércia Esteves Fiadeiro, Covilhã, 30\$; Manuel Inácio Matos Vieira, Póvoa de Lanhoso, 50\$; Coronel Faria de Abreu, Penafiel, 40\$; António da Costa Moreira, S. Mamede de Coronado, 50\$; Joaquina F. Pinto da Rocha, Castelo Branco, 20\$; Manuel Fernandes, Monção, 20\$; Dr. José Rodrigues, Penalva do Castelo, 50\$; Francisca Raposo Nunes, Moura, 20\$; Armando Pereira Fernandes, S. Tiago de Piães, 50\$; Teresa Celeste Cardoso Cunha, Adebarros, 20\$; Celeste Vasconcelos (2 anos), Sinfães, 40\$; Maria da Glória Serpa Pinto, Sinfães, 25\$00; P.º Manuel Resende, Resende, 50\$; Maria da Conceição Coelho da Rocha, Vandoma, 25\$; Amélia de Jesus Nogueira Fatela, Vale de Prazeres, 50\$; António Corsino Caldeira, Trinta, 100\$; Maria da Anunciação Gomes, Aguiar da Beira, 20\$; Minervina Campos, Muro, 25\$; José Alves Boavida, Vale de Prazeres, 20\$; Laurinda Amorim, S. Miguel de Paredes, 100\$; P.º José Monteiro de Aguiar, S. Miguel de Paredes, 25\$; Casa da Mocidade, Loulé, 30\$; Isaura de Campos Coroa, Faro, 25\$; Ana Tavares Estima de Rezende, Espinho, 25\$; Aurora Alves Gil, Tábua, 20\$; José Teles Côrte-Real, Tábua, 20\$; Eng.º José Jorge Rodrigues, S. Martinho do Porto, 50\$; P.º Belmiro Moreira A. Matos, Rio de Moinhos, 30\$; P.º António Fernandes Cardoso, Monção, 20\$; Maria Lucília Gutierrez Caeiro, Evora, 50\$; Maria Júlia Abranches Hall, Oliveira do Hospital, 20\$; Maria Cristina Alves Andrade, Alverca da Beira, 50\$; Jaime da Costa Pinto Bravo, S. Tiago de Piães, 25\$; Maria da Piedade Teixeira Múrias, Carrazeda de Ansiães, 20\$; Manuel Fernandes Urbano, Sangalhos, 50\$; Adelaide Ferreira Goucha, Albergaria dos Doze, 25\$; Dr. Agostinho Vaz Pato, Gramaços, 50\$; Maria Luísa Saldanha, Gumie, 20\$; Henrique Alberto da Costa Cabral, Lourenço Marques, 50\$; Adriana Carvalho Bagulho, Elvas, 100\$;

CONTINUA

saído bem. Dizem que na rua dos Clérigos, quase tudo compra, de um lado e de outro! Oxalá se não enfadem.

Mais: Acabam de entrar no meu escritório os cinco que foram ontem vender o último número. Eram eles: o Ernesto, o Amandio, o Inácio, o Oscar mai-lo Amadeu. Os mesmos que foram vender o número anterior. Entraram os cinco de rodilhão: vendemos 1202 jornais e 68 livros. Fizemos 2.560\$00 com os acréscimos. Isto foi berrado por todos ao mesmo tempo. Separadamente, informa o Oscar que a senhora dos brinquedos manda isto; o qual isto vinha a ser uma pancadaria de coisas. O Inácio, o s. p.ateiro alegre, declara que à mesa do café, um senhor obrigou todos os senhores a comprar o jornal: *compre, compre, compre já!* E que ao depois se voltara para ele, *sapateiro alegre*, e que dissera: *olha que tu volta de hoje a quinze dias, à mesma hora, que todos hão-de comprar.*

—Qual café?

—A gente vai a todos os cafés. Foi num.

O Amandio também deu muito boas informações de um *rebanho* de senhores, na rua, aonde um deles fez com que os mais comprassem. Eu emendei o *rebanho*, p'ra *rebanho*, e ao depois disse por palavras minhas, ao alcance dele, que os senhores vivem em grupos e não gostam nada de ser tosquoados como é costume fazer-se aos sujeitos dos rebanhos.

**CRÓNICA DESPORTIVA**

POR AMADEU ELVAS

Jogamos no nosso campo com o Grupo de Irivo em que vencemos por 3-2. Ao intervalo 1-1. O jogo às 3,30. Os grupos alinharam Gaiatos Pepe, Carlos, Amadeu, Prata, António, Poeta, Gari, Vitela, Oscar, Elvas, Constantino. O Grupo de Irivo alinhou Padeiro, Manuel, José, Massano, Costa, Joaquim, Dias, Rocha, Moreira, Américo, Andrade. Um bom passe de Oscar para António que remata passando a razar a trave. Aos cinco minutos de jogo Moreira chuta à baliza que obriga o guarda dos gaiatos a uma boa estirada, Gari foge pela esquerda e centra em boa conta e no momento de remate Oscar fica desarmado por Rocha, Vitela conduz uma boa avançada passa para Oscar remata sem resultado. Aos vinte cinco da primeira parte Constantino chuta para as redes a bola bate no poste e Gari de cabeça passa para Oscar que remata fortíssimo batendo pela primeira vez o grupo visitante. A bola anda no meio do terreno mas Américo passa para Moreira que ia rematar mas ficou desarmado por Amadeu. Agora Gari leva uma boa avançada combinada com Oscar mas o baque intervem chutando para meio do terreno. José chuta para meio do terreno mas entram vários jogadores à bola mas é por fim Carlos que chuta para as redes obrigando o guarda-redes a uma boa defesa. Aos vinte e seis minutos Américo passa para Moreira que remata estabelecendo o empate. Com este ponto os visitantes animam. Agora é marcado um livre contra o Grupo de Irivo vai marcar é Prata chuto forte a bola cai perto das redes e António com um golpe de cabeça ia batendo pela segunda vez o guarda redes visitante. Os gaiatos estão a jogar mais Padeiro chuta a bola para meio do terreno mas Elvas de cabeça passa para Gari que remata passando a arazar a trave. Manuel chuta para meio do terreno, é Armando que consegue apanhar passou rapidamente para Américo que rematou sem resultado. Aos 15.<sup>ª</sup> da segunda parte Amadeu marca um castigo chuto forte a bola bate no poste e Oscar rematou forte fazendo o ponto para os gaiatos. A bola anda no meio do terreno e José é desarmado por António que virá às redes sem resultado. Manuel chuta para meio e Constantino de cabeça passa para Prata e este passa para Gari que foge pela esquerda chutando para fora. José chuta para as redes obrigando o guarda-redes a uma boa defesa. Amadeu chuta para meio do terreno e Oscar chuta fortíssimo a bola bate no poste e Vitela faz carga fazendo 3-1 para os gaiatos. Com este ponto os gaiatos animam. Aos 30 minutos do fim Américo passa para Moreira que remata fazendo 3-2. E assim termina o encontro os gaiatos a ganhar por 3-2.

Salientaram-se Pepe que esteve numa tarde boa. Nos beques quem jogou melhor foi o Amadeu. Nos alfes quem se portou bem foi Prata, Poeta. Na linha avançada que trabalhou muito para a vitória. E nos visitantes jogou bem Moreira e Américo.

P. S. — O interesse do jornal está todo, actualmente, na crónica desportiva. Temos de fechar a sete chaves os exemplares da colecção! E' verdadeiramente febril o que eles dizem das crónicas!

A gente deixa ir tudo como sai da pluma dos cronistas. O bilbuciar é que tem graça: Não há palavras mais lindas nem cartas mais bem escritas, do que as primeiras que as creanças dizem e escrevem. Os Pais que o digam!

**MIRANTE DE COIMBRA**

Um dos Prelados da comitiva do Legado Pontifício teve para com a *Obra da Rua* palavras de muito carinho. Um dos conselhos em que mais insistia, era no da fundação duma congregação religiosa, para garantir a continuidade da Obra. Impossível.

A Obra é de tal modo revolucionária que se alguém tentasse dar-lhe uma regra conforme as necessidades dos tempos modernos, não haveria veto que se lhe não opusesse. O código é lei e a lei manda, por exemplo, que o noviçado se faça no recolhimento dum claustro. Ora o noviçado de quem quizer dar-se a esta Obra, há-de ser feito na Rua. Mas, que pode ensinar a Rua—esse mundo pelo qual Cristo nem sequer orou—pois se ela é o bazar de todas as misérias, o arraial dos sem-eira-nem-baira, o esgoto da lama das caves e pocilgas, o estendal dos farrapos, a feira franca das linguas sujas, a praça abe-ta das vidas negras?

A Rua para quem se habituou a olhar somente as flores lindas do altar, é a infâmia, a desordem, o escândalo. Logo, fugir sempre dela a bom fugir.

Mas não: se bem que a Rua é tudo isso e tudo o mais que se queira juntar, ela não é só isso. Quem no-lo diz é a experiência, a experiência colhida neste noviçado em que andamos.

A Rua é a confidente dos gemidos daquele pobre paráltico, todo ele uma chaga viva, que passa a vida a gritar com dores atrozes—*estou aqui pregado ao colchão, o pus atravessa tudo e seca. A minha vida é gemer, o meu trabalho é rezar.*

A Rua é o caminho do calvário de tantos, como o daquele pobre tuberculoso, em cuja lareira nunca se acende o lume e que todos os dias aí passa a caminho do Banco para internar a mulher cheia de chagas hediondas—*é a sifla, padre! há quinze dias que ouço a mesma coisa: venha cá amanhã, hoje não tenho vagar.*

A Rua é a estância de cura de sol contra os miasmas e parasitas, feis companheiros do desma-sêlo e da imundície—*durmo num charco chujo cheito de bicho.*

A Rua é o parque daquele e de tantos pequeninos que gostam, como nós, da luz e não podem suportar a escuridão da mansarda—*aquilo é muito escuro, são quatro e cinco pessoas em cada cama, padre.*

A Rua é a mãe de todos os infelizes cuja mãe se deu a outro homem—*eu tenho lá um pai mas é emprestado.*

A Rua é o céu aberto de todos os vadios que não conhecem neste mundo alegrias mais puras e desconhecem também as do outro.

Sim; é nesta escola que se há-de formar todo o que quiser ser apóstolo da Rua. Em vez da voz de Deus que fala no silêncio, ouvimos a mesma voz que fala pela boca dos seus Pobres; mas a melhor lição entra pelos olhos.

Aqui se aprende a perdoar à maneira do Mestre; aqui se ganha alento contra os desânimos que surgem no meio das contrariedades, das rebeldias, das ingratidões; aqui se conhece a razão de ser dos vícios, e das taras; aqui se confirma a promessa do Evangelho *é preciso dar sem medida para receber sem conta.*

Por tudo isto, repito, Roma não pode aprovar uma regra fixa. O novo modelo é Cristo passando

a fazer o bem; a regra é a dos Apóstolos: sem saca nem bordão pregar o Evangelho do reino aos Pobres, não sobre o telhado mas sob as latas onde eles vivem, e, enfim, abençoar os pequeninos e repartir-lhes o pão.

E o povo, como sempre, é o primeiro a confirmar e canonizar estas regras. *Padre, faça, faça sempre assim o bem, à maneira do doce Cristo na terra!*

P.º Adriano.

**Notícias da Casa de Miranda**

por

Carlos Alberto Fontes

Alguns dos nossos pobres são tão bons que às vezes até dá vontade de chorar quando eles começam a contar a vida deles; muitas vezes já nos custa sair da casa de cada um. Visitamos agora oito famílias, mas nunca desanimamos apesar da nossa caixa ter pouco dinheiro. Como tínhamos prometido fomos pagar os remédios dos nossos pobres.

Mas o médico já tinha pago a um deles e a senhora da Farmácia, também não quis nada pela outra receita, de modo que o dinheiro foi já para outras necessidades. Como os pobres sabem que aqui se dão esmolas, vêm cá muitos de fora, uns pedir pão, outros comer e roupas. E' pena que a gente não tenha mais para dar.

O Secretário

Carlos Alberto Fontes.

São 600 jornais que se vendem sempre em Coimbra, Louzã, Figueira e Miranda. Na Louzã várias pessoas querem dar o almoço, mas o Sr. Ferreira não deixa. Diz que foi ele o primeiro a oferecer a comida e há-de ser sempre ele a dá-la.

O Albino em Coimbra recebeu 100\$00 por um jornal; o Rádio é que sempre lá vende mais e recebe muitas gorjetas. E' um senhor da Covilhã que lhe dá o almoço. A' Figueira desta vez fui eu e o Rádio. Fomos comer ao Seminário. Nem por isso se vendem lá muitos gaiatos.

No combóio é que se vendem bem, mas às vezes os revisóres não deixam. Um deles até dizia que só faltava um carro com uma pipa de vinho e petiscos para fazer do combóio uma feira.

Na Figueira encontramos aquele oficial que nos mandou dos Açores um donativo para os pobres da nossa conferência com uma carta muito animadora que já aqui publicamos. Aconselhou-nos que nunca desanimássemos com as dificuldades que encontramos, e que fossemos sempre amigos dos nossos pobresinhos. Perguntou quantos, tínhamos e disse que qualquer dia vinha cá visitá-los. Arranjou-nos um comprador do livro do Pão dos Pobres que quer os três volumes. Havemos de levar-lhos quando voltarmos à Figueira vender o Gaiato.

Veio mais um rapazito de Coimbra por lhe ter falecido o pai e tem a mãe no Hospital, tuberculosa. Passados dois dias fugiu para Coimbra. Passava muita fome e dormia no chão. Agora já voltou e sabe fazer a cama, trabalha e não quer fugir.

Veio também de Coimbra o *Carequita*. E' a terceira vez que se foi curar da tinha. No Lar era tratado com muito mimo. Chamava mãe à Sr.ª Governante. Quando ele se veio embora ela chorou muito de saudades e anda sempre a perguntar por ele.

Os garotos de Coimbra andam sempre a perguntar, quando vamos vender o Gaiato, quando é que começam as colónias de Férias. Andam aflitos para lhes não faltar a trincadeira.

Andam agora a trabalhar dez homens de fora nas obras das colónias na Sr.ª da Piedade, e alguns meninos cá da casa, para estar tudo pronto no princípio de Junho. Há dias foi lá o Armando levar o almoço. Almoçou cá em baixo; tornou a almoçar lá; comeu pelo caminho; e voltou a comer quando chegou e logo em seguida merendou. Não há comida que o farte.

Têm nascido algumas ninhadas de coelhos mas quando estão grandinhos morrem todos. Temos tido pouca sorte.

Os pintos também se não criaram. A galinha comeu os ovos quase todos e só escaparam dois. Agora o que se cria bem, são as lesmas. E' uma praga delas; comem as couves, o feijão e o milho. Andam sempre dois ou três dos mais pequenos a procurá-las pelos campos e canteiros para as darem aos patos.



Estes são os pimpões que pisam amanhã a arêna no Campo da Constituição às 16 horas, um desafio com o Centro n.º 5 da Mocidade Portuguesa. Espera-se que não haja sangue... O dinheirinho que vier, é todo para assoalhar rapazes das «ilhas», nas colónias de Campo, em Paço de Sousa.

# Isto é a Casa do Gaiato

ONTEM à noite, fui dar uma volta pelas casas, à hora de deitar. O *Periquito* é chefe do andar cimeiro da casa III. *Periquito* não é bem bem o rapaz talhado para chefe; é muito turbulento. Mas um chefe é coisa rara. Ora *Periquito*, quando eu assomei, estava à lambada no Amandio, que eu tenho em muito boa conta. Este, já entre os lençóis, apenas mugia um resignado: *eh; nos grandes não bates tu!* Isto escutei eu da boca do castigado, com pena dele mas não quiz interferir. Não eram contos do meu rosário.

No dia seguinte vou dar com o *Periquito* nas mãos da enfermeira, que lhe aplicava panos de alcool no rosto: Era uma grande negra! Quiz saber. Perguntei. Tornei a perguntar. Nada! Muito apertado, *Periquito* respondeu.

Tinha sido o António Prata, o ajudante dos cozinheiros no campo da bola, por causa da bola.

—Também lhe atirei ós dentes, exclama o rapaz, furioso.

Dali, fui aonde o Prata observar os dentes. *Tenho-os todos; olhe.* E tinha. O Prata, relata com muita vivacidade, como foi feita a negra ao *Periquito*. Ouvi, consolado. Consoladinho. Quem dera meia dúzia de Pratas cá em casa, pra ter mão nos *Periquitos!*

O P.º Marcelino mandou-nos um rapaz, que trazia uma carta a dizer quem era. Mais do que a carta, diziam os olhos, físcantes de luz. Bem falante, começa por dizer que vinha para fazer o exame de admissão ao liceu. Depois de lhe explicar como era aqui a nossa vida e que a questão do estudo, só poderia ser considerada mais tarde, tomo o recém chegado pela mão e vou entregá-lo ao chefe da turma dos do campo.

Uma vez ali e na altura em que o dito chefe lhe apresenta uma enxada, o rapaz declarava que vem mas é para estudar.

—Que é que tu estás a dizer? —Venho para fazer exame de admissão ao liceu.

—O quê. —Ao liceu.

—Anda cá que eu vou-te levar ó liceu.

Acto continuo, conduz o *estudante* às cortes do gado de onde andavam a tirar o estreme: *Entra!*

O catraio não gostou das aulas e fugiu nessa mesma tarde.

Dia seguinte, muito cedo, aparece aqui um sujeito mal encarado, na companhia do fugitivo de ontem. Era um irmão, pedreiro de profissão! Contou a penúria da casa, a orfandade, o perigo dos caminhos.

—Não o recebo. Ele volta a fugir. E' daqui perto.

—Pois sim. Se ele aparece em casa, eu ponho-lhe o corpo da cor dessa batina!

Fixei os meus nos olhos do rapaz. Fez-se silencio.

—Que dizes?

—Digo que fico e não fujo.

Voltou pró liceu e lá anda até dar provas de ser julgado capaz de fazer exame de admissão ao Liceu. Inteligencia só, não basta.

De uma vez tinha eu um rapaz destes em um colégio, a fazer o IV do liceu. Resolvi retirá-lo. Director acode: *olhe que se houvesse nota superior a 20, essa seria a nota dele. Nunca se viu assim uma intelligencia!*

—Pois sim. Mas mente descaradamente.

—V. cuida que os advogados e médicos não mentem descaradamente?

—Não é da minha conta. Nunca formei nenhum. Tenho muito respeito pela Ciencia para colocar nela um qualquer. Primeiro o Decalogo, disse.

Ainda não mudei de opinião. O doutor de Paredes, como é conhecido entre nós o candidato aos estudos, que leia e que guarde.

...  
O nosso mês de Maria! A's 8 horas da tarde toca o sino. Dobra o sino. O sino das disputas! A's vezes são trez agarrados á corda: *larga soberbo! Soberbo és tu!*

Aí começam a vir de todos os

sectores na nossa vida: das casas, das oficinas, da escola, dos campos. Estes são os derradeiros. Já estamos, em regra, na oração, quando eles entram em bicha, pardos da terra, a rescender. Estão todos. O sino toca e toca-os.

O Carlos Inácio pede o terço do rosário. No seu impedimento, é o Zé Eduardo. São ambos de Ramalde. Andavam por lá... Agora estão aqui.

Rapaz que se ajoelhe ao pé do Carlos Inácio, sabe-se que é negócio de compadres. E' ele que pulsa a campainha a um acêno do presidente. Chegamos ao fim do terço. Vamos fazer o mês. Começa-se pelo *Veni Creator*. A escola dos pequeninos cantores toma os seus lugares. *Mandai o Vosso Espirito, Senhor, e a face da terra será renovada.*

A face da terra é a *Obra da Rua*, renovadas pelo Espirito Santo. São eles, os pequeninos farrapões, que o pedem!

Segue-se a leitura espiritual, acomodada ao auditório. Os grandes e os médios estão de pé, atentos, a guardar a palavra do Senhor. Os mais pequeninos, adormecem todos no chão, enroscados.

Nunca tiveram colo de mãe. Dormiam assim nas valetas! Aqui também dormem, mas já não é nas valetas!

Vem agora o cantico final: *Foi nos ramos da azinheira.* Cantam todos. Vozes deliciosamente timbradas. O nosso mês de Maria! Grandes e médios, tomam do chão os pequeninos adormecidos e le-

vam-nos ao colo para o refeitório. Um cozinheiro e dois refeiteiros que não foram ao mês, teem as coisas no seu lugar. Come-se. Dá-se graças. Escutam-se os avisos. Vai cada môcho para seu soito.

O nosso mês de Maria! E' impossível que os rapazes de hoje, esqueçam amanhã esta devoção da tarde, devido à sua própria natureza. E', até, amanhã, num amanhã muito distante, que eles não-de vê e compreender melhor, que esta é a natureza da perfeita devoção a Maria Santissima.

Gostei de escutar o Santo Padre, no dia 13 de Maio, a falar dos atributos da Mãe Celeste. Sente-se a uniformidade da nossa doutrina. Tenho pena dos Protestantes!

O Adriano deve ter uns 7 anos completos. E' do Porto.

Andava por lá. E' um dos da limpeza e avia recados aqui perto, pelo seu extraordinário alerta. Ontem, foi à venda por sabão de esfrega. Estava um freguês na loja e o vendedeiro, dentro, ocupado. Nisto, Adriano faz sinal ao freguês de se calar, entra no balcão, tira figos de uma caixa e regressa aonde estava. O vendedeiro aparece, freguês informa e o rapaz nega. *Não senhor, não fui nada ós figos!* O dono do estabelecimento e o freguês, que não estão afeitos a estas sem cerimónias, pasmam. Em casa, à hora do costume e na presença de todos, Adriano respondeu.

Gosto desta palavra que o povo emprega, quando se vai aos tribunais. Eu tenho que o maior inimigo da justiça é o facto de haver poucos que respondam com verdade. Horas amargas para os nossos Magistrados; tenho-as aqui tão duras, todos os dias, pela mentira destas crianças: *Não fui eu! Ai! que estou inocente!* Esta exclamação é simplesmente terrível. Nunca se apurou entre nós estar inocente, aquele que berra a sua inocência, felizmente; mas rouba-nos o sono e a paz, o grito malicioso da criança.

OS rapazes da erva, teem no palheiro um ninho de gato, com a mãe e 4 gatinhos. Ela está que nem uma princesa; cheia de festas, de mimos e de comida. Os rapazes do campo, procuram, também, ameigar, mas os da erva não permitem. Como se trata de dois grupos poderosos, os sarilhos são da mesma sorte. E' um engano supor-se que os poderosos são os verdadeiros conquistadores ou, ainda, que a paz procede da força. Se isto fôsse verdade, andariamos todos no mundo de hoje de braço dado e tal não acontece, precisamente por amor da força. Mas não. *Aquele de entre vós que quiser ser o maior, faça-se o mais humilde: O mais forte, faça-se o mais fraco. O verdadeiro senhor, faça-se servo de todos.* Por este caminho passam os verdadeiros conquistadores.

Claro está que os nossos rapazes não-de continuar, como até

aqui, a discutir a posse da gata mais dos gatinhos, até à sua natural emancipação, precisamente como fazem os grandes aos povos pequenos que não conquistam

O Amandio foi publicamente nomeado o bedel das escolas.

Como os exames estão aí perto, torna-se necessário sacudir os alunos das suas variadas ocupações, e fazê-los seguir, logo ao primeiro toque da sineta. Até aqui está tudo muito certo. Mas o pior é que os alunos são muitos e nem todos pensam da mesma sorte, daí o rapaz não ser por todos igualmente obedecido. Os mais retilhões levantam poeira. A poeira, está na ordem do dia, todos os dias, na nossa comunidade. A natureza da obra, obra deles, assim o pede. O melhor prato no refeitório, à hora da comida, é precisamente a irreverência prestada aos chefes, pelos subditos. Temos de esperar pela maturação; dar tempo ao tempo e depois, teremos a ordem plenamente estabelecida. Assim seja.

OUVIU-SE uma grande bulha na cozinha do forno hoje de manhã cedo. Os gritos cortavam o coração: *ai Jesus!* Era o *Chegadinho* à vassourada ao Pereira! Pretendemos indagar mas não foi possível, tal a confusão de acusados e acusadores. O professor Arlindo conduziu a vítima ao banco, onde lhe prestou os primeiros socorros.

## Do que nós necessitamos

Mais de Lisboa 252\$10, mais uma pancadaria de azeite da mesma terra. Lisboa, às vezes, tem seus rebates de consciencia! Mais 20\$ do Porto. Mais 500\$ de um visitante e de outra familia 3 peças de fazenda. Outra vez de visitantes notas e dinheiro solto. De L. F. S. recebemos 50\$00. Esperamos receber mais, de muitos mais, para fazermos mais casas e agasalhar mais rapazes para haver no mundo menos misérias.

Mais um objecto de oiro de Rosa. Mais uma máquina de costura, de uma Firma do Porto e tambem coisas para officina de barbeiro, de uma outra Firma, que escutaram muito bem o recado que ia no ultimo *Gaiato*, aonde se dizia que os Rapazes da Rua querem trabalhar.

Mais a oferta da imagem da Imaculada segundo *Murilo*, de um Senhor que leu com muita atenção o nosso apêlo, o qual Senhor, para alegria de todos, é um Sacerdote.

Tornei a Lisboa. Nem um deputado lá vai as vezes que eu vou. Eu também tenho de defender os interesses do meu círculo!

De todas as vezes sou feliz, mas desta, muito mais. Tirante o caso pneus, todos os mais senhores estavam em casa e atenderam. Que Deus lhes pague. Os pneus, é que é mais triste. Pelo Natal, já eu os gemia. Veio o entrudo. Passou a Páscoa. Vem o S. João, e a gente sem pneus para um carrinho tão jeitoso que ofereceram a Casa do Gaiato! Os cicerones, ao mostrarem as oficinas aonde o carro, espera, dizem ufanosamente: *este é o nosso carro.* Pois é, sim. Mas não sai de casa.

No hotel, um senhor perguntou se eu é que era o tal, e não foi preciso mais nada: *tome lá.*

No gabinete dos Secretários de certo Ministério, preguei a *Obra da Rua* a um pequenino grupo. Cinco minutos pra não cansar. Um dos ouvintes segue-me escadas abaixo. Chama. Eu olho. *Tome lá.* Reparei muito naquele ouvinte fiel. Ele mesmo secretario de ministros. Esconde-se dos outros. Dá depois de ouvir e pelo que ouviu. Dá mil escudos!

Quem me dera que este moço se case, se é que ainda o não fez. Lares cristãos são riqueza social. O regresso a Nazaré, é o caminho.

Não trouxe os desejados pneus, sim; mas também não vim descalço de todo!

## Comunicação

Trago os meus ouvidos cheios de perguntas, quanto ao redimento liquido das festas no Coliseu do Porto, pelo Orfeon e Tuna de Coimbra. Quando eles disserem, eu também digo.

## CANADIANA

Foi no comboio, quando regressava da capital. Estava eu a lamentar o meu insucesso dos pneus a um *tripeiro* amigo quando êle me vai assim. *Deixe lá os pneus. Compre uma canadiana.*

—Canadiana?

—Sim. Canadiana. E explicou. Toda a gente sabe, só eu é que não, que por Canadiana se intende uma forgonete o que está a calhar para a nossa casa. A um lado, coisas de comer. A outro lado, quem nas coma e lá vai o veiculo carregado.

Tantas vezes vou às *ilhas* e às vielas por rapazinhos perdidos! Que alegria para todos nós, se os podesse transportar no *nosso carro!*

Seria uma oferta do Porto à cidade do Porto! Não davas uma ambulancia nem um carro celular. Era o *nosso carro*. Carro de ir colher e transportar flores dos pantanos para serem flores de jardim!

Oh Porto! Nunca chamei por ti com tanto interesse nem com tanta esperanza!

### Aqui vai um anuncio

E' o primeiro anuncio desde que «O Gaiato» nasceu

E' das oficinas da nossa Aldeia

E' a comunicar que os mestres de SAPATEIRO e de ALFAIATE já estão instalados, à espera de fregueses. Quem fôr amigo da Casa, venha dar trabalho. Havendo dificuldade na deslocação, os mestres vão talhar ao domicilio.

QUE MAIS QUEREM?